

Estrutura E Composição Florística De Corredores Florestais Implantados No Habitat Do Mico-Leão-Dourado (*Leontopithecus Rosalia*), Rj

Maria M. CARDOSO¹ (marmarizete@yahoo.com.br), Carlos A. P. Júnior², Elson F. de Lima³, Rosan V. Fernandes² & Marcelo T. Nascimento¹.

(¹Universidade Estadual do Norte Fluminense, ²Associação Mico-Leão-Dourado e ³Universidade Estadual Paulista).

Introdução

A Mata Atlântica é considerada um dos 25 mais importantes *hotspots* mundiais (Myres, 2000), mantém uma rica biodiversidade, com inúmeras espécies endêmicas, como o mico-leão-dourado – endêmico da Mata Atlântica da baixada costeira fluminense. Resta pouco mais de 7% de sua cobertura original e o município de Silva Jardim, com 35% de sua superfície recoberta por fragmentos de Mata Atlântica, localizado na Bacia do Rio São João, abriga a maioria dos remanescentes disponíveis ao mico-leão-dourado (Fundação SOS Mata Atlântica, 2002). Vários destes fragmentos, embora de tamanhos reduzidos, têm papel importante como refúgio e fonte de recursos para a fauna associada pois apresentam elevada riqueza e diversidade de espécies da flora brasileira, inclusive com representantes ameaçados de extinção (Carvalho *et al.* 2004). Os fragmentos florestais da região necessitam de restabelecimento da conectividade para manter diversas populações ecologicamente viáveis e uma das formas de promover isto, é pela existência de corredores florestais, conhecidos por serem estruturalmente lineares e diferentes das unidades vizinhas ligando pelo menos dois fragmentos que no passado eram unidos (Metzger, 1999). Desde 1997, a Associação Mico-Leão-Dourado (AMLD) – instituição responsável pela conservação da espécie e seu habitat – tem implantado corredores florestais em propriedades privadas por meio de parcerias (AMLD, 2004).

Objetivos

Este trabalho teve por objetivo avaliar a composição florística e arbórea de dois corredores florestais implantados com espécies de árvores nativas, iniciados em dezembro de 1997 pelo programa de corredores florestais da AMLD, indicando o estado do processo de restauração destas áreas, propondo possíveis intervenções.

Materiais e Métodos

Os corredores estudados se localizam em propriedades limítrofes (Fazendas Santa Helena e Vale do Cedro, Silva Jardim - RJ), com uma área de 30m X 250m (0,75ha cada), são pareados e cercados lateralmente, conectando dois fragmentos florestais com grupos de micos-leões-dourados, de 170ha e 129ha respectivamente. Em cada corredor, foram alocadas 25 parcelas com área de 30m X 10m. Dentro das parcelas, todas as árvores com CAP (circunferência a altura do peito) igual ou superior a 15,1cm foram medidas com auxílio de fita métrica e identificadas, a altura foi estimada com uma vara graduada de três metros. A presença de epífitas e lianas foi anotada. Árvores mortas foram mensuradas, mas não contabilizadas. Com duas trenas de 100 m e de 30 m, foram feitas as medições de referência cartesiana de cada indivíduo selecionado (CAP > 15,1cm) para a elaboração de um mapa de distribuição dos indivíduos e das espécies. Os dados obtidos foram inseridos em planilha de dados e foram feitos diversos cálculos estatísticos para caracterização das diversas parcelas de cada corredor florestal.

Resultados e Discussão

Foram registrados 254 indivíduos, destes 178 vivos e 1 árvore morta em pé no corredor Santa Helena (SH) e 72 indivíduos vivos e 3 mortas e em pé no corredor Vale do Cedro (VC). Esses dados exibem a diferença de densidade populacional das árvores nos corredores SH e VC, com 237 ind/ha e 96 ind/ha, respectivamente (densidade média = 169 ind/ha). As árvores mortas estão desconsideradas para o cálculo estatístico. Em ambos verifica-se a presença das gramíneas: *Braquiaria sp*, *Imperata brasiliensis* e *Scleria sp* - exóticas e altamente competitivas, recobrando quase toda a superfície. Foi notada elevada presença de briófitas em caules. A presença de bromélias, sem detalhamento de espécie foi evidenciada em ambas as áreas, com quantidade bastante superior no VC - 26 indivíduos, contra apenas 7 indivíduos no SH. A frequência de árvores com lianas no VC foi maior do que no SH. Cálculos gerais comparativos foram feitos como a diferença na densidade populacional de cada parcela para os corredores, SH apresentou uma densidade de 7,1 ind/parcela e VC 2,9 ind/parcela. As médias de altura também diferiram significativamente quando confrontadas, VC com 4,1m e SH com 5,4m. A correlação entre as alturas dos espécimes *versus* CAP também foi considerada, com valores bastante próximos, 0,67 para VC e 0,73 para SH – e diferença positiva para o desenvolvimento arbóreo do segundo. Segundo a classificação sucessional proposta por Gandolfi *et*

al. (1995), as espécies empregadas nas áreas são principalmente pioneiras e secundárias iniciais, sendo em maior quantidade: *Inga edulis*, *Inga cylindrica*, *Schinus terebinthifolius*, além da secundária tardia *Plathymenia foliolosa*. Mas o corredor SH também apresenta *Mimosa bimucronata* e *Schizolobium parahyba* em quantidades significativas. Estas espécies são compatíveis com o solo úmido e brejoso do local. A altura do dossel varia bastante, com grande quantidade das árvores de 4m ou mais no SH, e poucos espécimes ultrapassando 4m no VC. Pela análise da dispersão do número de indivíduos e respectivas alturas, separadas por parcelas, observa-se uma grande quantidade e altura elevada na região das parcelas 9 a 13 do SH (média 5,9m de dossel e 16 ind/parcela), que corresponde a uma micro-região com avançado estágio de sucessão florestal. Este comportamento também é observado na região das parcelas 22 a 25 (média 5,3m de dossel e 9 ind/parcela), ao final deste corredor, no contato com um dos fragmentos interligados, acelerando a restauração da área. O outro extremo também apresenta uma média de altura relativamente elevada (média 4,3m), mas com quantidade de indivíduos prejudicada pela presença de uma estrada vicinal (apenas 3 ind/parcela), se comparada com as regiões supra-citadas. VC apresenta uma dispersão de altura de árvores praticamente uniforme, embora com dossel inferior, mas ligeiramente favorecida nos extremos, no contato com os dois fragmentos interligados.

Conclusão

O estudo demonstra diferenças na estrutura florística entre os dois corredores, implantados no mesmo período com as mesmas espécies arbóreas, indicando maior diversidade de espécies e quantidade de indivíduos no corredor SH. Isso, muito provavelmente devido a práticas de limpeza ocorridas no VC pelos funcionários da fazenda e condições dos locais, como histórico de cobertura e manejo do solo muito mais intenso na fazenda Vale do Cedro, que na Santa Helena, garantindo uma riqueza maior no banco de sementes da última área, e, portanto, na regeneração florestal espontânea, favorecendo o desenvolvimento das mudas plantadas. É notável que SH encontra-se melhor estruturado para o uso da fauna, com altura de dossel em formação superior, além de maiores densidades populacionais. A diversidade de espécies florestais deste corredor também é superior, o que pode favorecer a busca por alimento e a dispersão de propágulos por aves, mamíferos e outros animais, enriquecendo-o e favorecendo o estabelecimento de espécies nativas. Estudos específicos sobre o uso dessas áreas pela fauna estão sendo realizados e poderão demonstrar essa diferenciação de uso dos corredores, por exemplo, por micos-leões-dourados, roedores e marsupiais. Este trabalho indica que há a necessidade do incremento no número de espécies arbóreas empregadas, o que vem sendo realizado pelo programa de corredores da AMLD, com os replantios anuais. As mudas recém plantadas estão em desenvolvimento e nos próximos anos contribuirão com um enriquecimento de ambas as áreas, garantindo, sobretudo, melhores condições de restauração para o corredor VC. Estas mudas estão sendo inseridas em novo estudo sobre estrutura e composição florística que vem sendo realizado nos corredores VC e SH, para levantamento das espécies que estão regenerando.

(Agradecimentos: ao Fundo de Parceria para Ecossistemas Críticos - CEPF e ao FNMA/MMA pelo apoio financeiro; a Leonardo Alves de Rezende pelo apoio de campo).

Referencias Bibliografia

- AMLD, 2004. **Corredores Florestais**. Disponível em: <http://www.micoleao.org.br>. Acesso em 05.02.2005.
- Carvalho, F.A.; Nascimento, M.T.; Oliveira P.P.; Rambaldi, D.M. & Fernandes, R.V. 2004. **A importância dos remanescentes florestais da Mata Atlântica da baixada costeira fluminense para a conservação da biodiversidade na APA da bacia do rio São João/ mico-leão-dourado/IBAMA – RJ**. Pp. 106-113. In: Anais do IV Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação. Rede Pró-Unidades de Conservação vol. 1, Curitiba PR.
- Fundação SOS Mata Atlântica. 2002. **Atlas da evolução dos remanescentes florestais e ecossistemas associados no domínio da Mata Atlântica no período 1995-2000**. São Paulo.
- Gandolfi, S.; Leitão-Filho, H.F. & Bezerra, C.L.F. 1995. **Levantamento florístico e caráter sucessional das espécies arbustivo-arbóreas de uma floresta mesófila semidecídua no município de Guarulha, SP**. Revista Brasileira de Biologia 55(4): 753-767.
- Metzger, J.P. 1999. **Estrutura da paisagem e fragmentação: análise bibliográfica**. Anais da Academia Brasileira de Ciências 71: 445-463.